

ARTICULAÇÕES CONTEXTUAIS DO DISCURSO

Edward Lopes

Edward Lopes

Talvez a revelação mais espetacular feita pela narrativa bíblica do gênesis seja a que está implicitada na idéia que ali se exprime de que **o ato enunciativo cria toda a realidade**. Cria-a no sentido cognitivo, é claro, não como realidade fora de nós em que nós, seres humanos, nos situamos, mas como realidade dentro de nós situada em nossa mente como um simulacro, uma representação engendrada pelo poder genésico da palavra - "no princípio, era o Verbo. "

Como quer que seja, cada discurso inaugura a sua própria realidade e funda-a na mensagem como um simulacro da outra, a exterior, recortando-a, ao fazê-lo, nos dois horizontes de visada do real,

a) como cena do enunciado enunciado, em que se localizam os objetos do conhecimento, sujeitos do enunciado (S.Edo.) como um **ele-lá-então** postado em uma **cena observada**;

*b) como cena da enunciação enunciada, em que se situa o sujeito do conhecimento como outro S.Edo. que faz as vezes de sujeito enunciador (S. Edor) na **cena da observação**.

Ocorre aqui, no ato de criação implicado em todo processo de enunciação, uma autocriação dialética das duas instâncias de referenciação da realidade recortadas primordialmente no universo da mensagem como **um espetáculo** - um comportamento observado - que implica essas duas cenas, a do S.Edo ele-lá-então, e a do S.Edor- eu-aqui-agora: a enunciação cria o enunciado como seu objeto posto, mas este, uma vez colocado, cria a enunciação como seu pressuposto de existência. Por isso, se por mensagem compreendermos o macrores-

paço do comportamento significante, verbal ou gestual, pouco importa, através do qual alguém fala algo de alguma coisa para alguém, podemos visualizar do seguinte modo a articulação elementar da mensagem enquanto forma de articulação dos micro-espacos primordiais daquelas duas cenas:

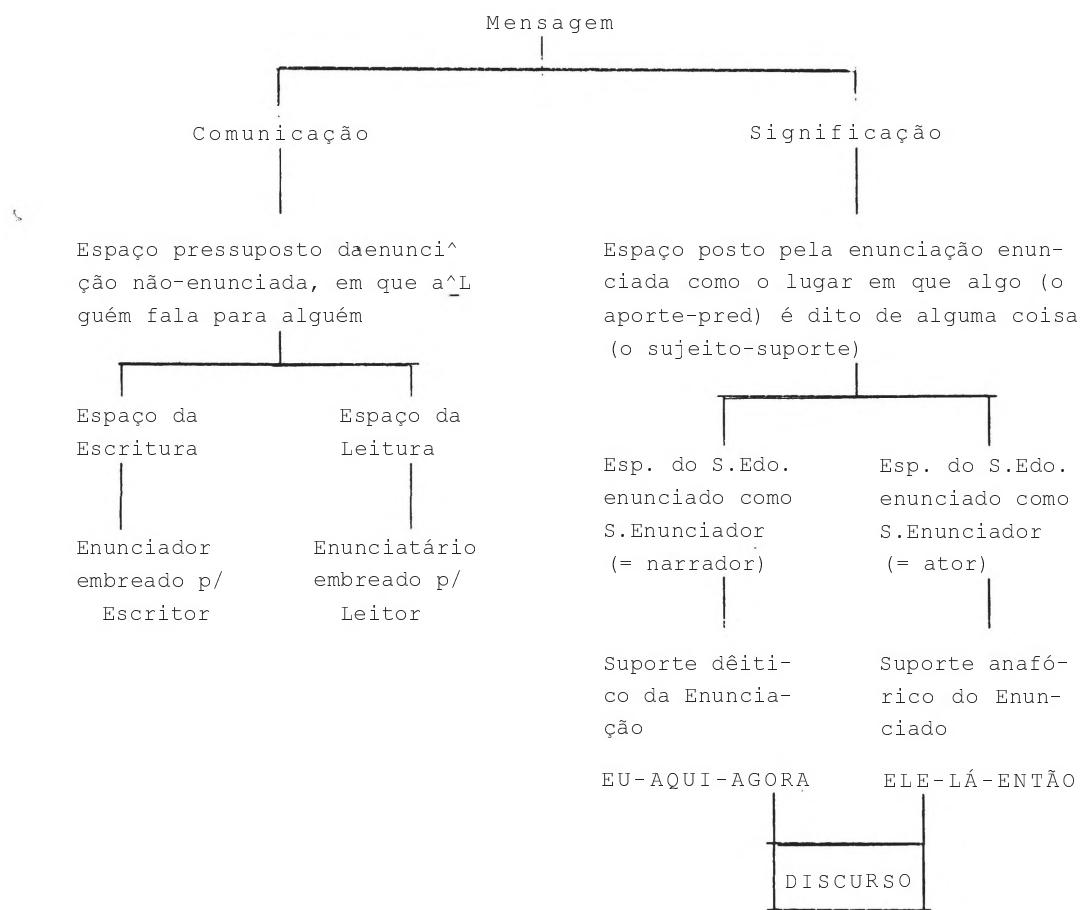


FIG 1- A articulação elementar da mensagem.

Deixando de lado o fenômeno da comunicação, que não é o objeto das presentes notas, vamos nos restringir, no que segue, à consideração do discurso enquanto espaço da significação; aliás, é este mesmo o objeto da Semiótica

O DISCURSO, ESPAÇO DE CONSTRUÇÃO DA SIGNIFICAÇÃO

Qualquer que ele possa ser ocorrencialmente, o sentido de um discurso é o resultado da contextualização que ele opera de três de suas propriedades necessárias e universais:

- a) o discurso tem de fundar a realidade dê que ele vai falar (o que ele faz operando a **denominação** dos elementos constantes de seus três suportes, o de ancoragem do enunciando (ele-lá-então), o de ancoragem da enunciação (eu-aqui-agora), e o suporte do paradigma temático (o Programa Narrativo, PN) ;
- b) o discurso tem de falar dessa realidade que fundou, produzindo-lhe uma **definição** (o que ele faz por intermédio dos atos de **predicação**, que operam a atribuição de um aporte-predicado a um suporte-sujeito); e, finalmente,
- c) o discurso tem de falar dessa fala, produzindo uma **interpretação** (das definições que antes produziu em **b**) para falar da realidade que criou em **a**)

A partir desse entendimento, diremos que o discurso se organiza através da contextualização de três diferentes tipos de textos:

- 1) um Texto de Referência, manifestado por um Relato Contextualizador; e dois outros textos, que com ele vão se articular no seio da mesma mensagem na condição de **textos contextualizados**;
- 2) um Texto Figurativo, manifestado por um Relato Descriptivo; e

3) um Texto Narrativo, manifestado por um Relato Interpretativo
V

O RELATO CONTEXTUALIZADOR, PRODUTOR DO TEXTO DE REFERÊNCIA

O início de toda mensagem consta, geralmente, de um primeiro segmento que compreende o título e o(s) primeiros(s) enunciado(s). Esse segmento inicial, a que Greimas chf mou, na **Semantique**, de **relato de apresentação**, está especialmente destinado às tarefas de (a) fundar a realidade de que o discurso vai falar, e (b) coerentizar, internamente, os dois discursos autônomos fornecendo-lhes os mesmos suportes de ancoragem (os mesmos atores, espaços e tempos) e o mesmo suporte do paradigma temático que investe um PN; é essa mútua referência à mesma realidade criada que possibilita ao texto figurativo e ao texto narrativo articularem-se como textos **coesos** e **coerentes** - i é, sintáxica e semânticamente compatíveis e consistentes.

Ao relato contextualizador, que se manifesta por intermédio do **título**, de **segmentos numerados** (capítulos, etc.), no **protocolo de abertura**, e das **frases iniciais da história** - que nem sempre se correspondem com as frases iniciais do discurso, haja vista que este pode começar pelo fim e/ou terminar pelo começo dos acontecimentos - compete exprimir os termos do contrato enunciativo que o enunciador deseja firmar com o enunciatário, comunicando-lhe de maneira sintética, e às vezes implícita, o que pretende dizer no res-tante da mensagem-

A DENOMINAÇÃO

O relato contextualizador opera basicamente por intermédio da **denominação** que convoca à existência os elementos constantes dos suportes do enunciado, da enunciação, e do paradigma temático, localizando-os no discurso como os atores, espaços, e tempos relacionados com o programa narrativo (PN) que o S.Edo funcionando como Operador deverá realizar. Assim, como tudo o que, a rigor, puder ser denominado pode ser actorializado, os actantes codificados no **ele** do suporte do enunciado actorializam-se por meio da sua denominação com nomes de coisas (ex : a agulha e o novelo de linha de **Um Apólogo**, de Machado), **seres vivos, vegetais** (como na parábola da Figueira Estéril, na Bíblia), **animais** (como nas fábulas de Fedro), **pessoas** (como nos romances), e até mesmo **conceitos abstratos** ("os ciúmes conduziram Othelo ao crime"); de modo análogo, os espaços ("lá"/ "aqui") são denominados por nomes de lugares (**topónimos**: a casa, a floresta, o Rio de Janeiro, a Rua Augusta), os tempos ("então"/ "agora") se denominam por meio de **cronônimos**, datas, períodos, partes do dia ("em 1898", "no último verão", "à noitinha"), ao passo que o paradigma temático, que fornece o conteúdo geral invariante para a mensagem como um todo, investe o Programa Narrativo quer estrategicamente, como uma transformação finitizada (desenvolvida de um estado narrativo inicial a um estado narrativo final, como PN/seduzir Nogueira/, da Conceição da **Hissa do Galo**, de Machado), quer taticamente, como investimento local de um único estado narrativo (caso em que frequentemente um **tema parcial** realiza ocorrendo lateralmente a um dado paradigma temático; assim, o paradigma temático do **Reaparecimento do Desaparecido** realiza-se, denominado lo-

calmente, nas formas sintagmáticas do Regresso de Ulisses, n^o **Odisseia**, a Volta do Filho Pródigo, na Bíblia, o Retorno de Roque Santeiro, na telenovela homônima, etc)

OS SUPORTES DO ENUNCIADO E DA ENUNCIACÃO E A FUNDACÃO DOS DOIS HORIZONTES DA REALIDADE

É através dá operação de denominar, mobilizada pelos procedimentos debreativos e embreativos do ato de enunciação, que o discurso efetua o recorte da realidade nos seus dois universo-s de referência, o pessoal (realidade reportada à pessoa do enunciador e por ele embreada através da assunção do suporte da enunciação enunciada nos termos de "minha realidade", **realidade do meu eu-aqui-e-agora**), e o im-pessoal (realidade debreada pelo enunciador e por ele projetada fora do seu espaço pessoal, como o domínio do espaço imaginário do S do suporte do enunciado, o objeto do conhecimento ao qual o enunciador se refere como um **ele-lá-então**, que é sempre um sujeito impessoal - literalmente, uma "coisa", **isso a que me refiro (it** inglês, de **it rains**, **il** francês, de **il pleut**)

O sujeito do enunciado é necessariamente um "ele"; mas, como tudo o que pode ser denominado pode ser, igualmente, **antropomorfizado**, e vir, em consequência, a dizer "**eu**", o discurso enquadra esse sujeito do enunciado que diz "eu" na categoria dos S.Edos. que desempenham a função de sujeito enunciador e passa a localizá-lo, a partir daí, - no suporte circunstancial que lhe corresponde, **num "aqui e agora" que o ancoram numa realidade pessoal intransferível, que irá funcionar como o "contexto de situação de todas as suas falas.**

Assim, enquanto que nós, seres humanos, nos localizamos a to do instante nos domínios de um espaço da enunciação não-enunciada, os atores discursivos (e nós junto com eles quando d^zemos "eu" porque nos convertemos, então, em sujeito do enunciado funcionando como enunciador) localizam-se unicamente na realidade intradiscursiva criada só pelos enunciados, esse espaço que designam como "sua realidade" quando dizem "eu aqui-agora" (um palácio em Veneza, há trezentos e tantos anos, para Othelo, o fundo do oceano, no final do século XIX para o Capitão Nemo, o planeta Mongo, num século futuro, para Flash Gordon, o vestido de baile de uma baronesa num dia incerto do passado, para a linha de **Um Apólogo**, de Machado ; e já que é essa realidade criada pelos enunciados que vai funcionar como contexto de ocorrência da enunciação enunciada, é **nela, e só nela, que ocorrem e decorrem todos os fenômenos ligados à enunciação, dos quais deve-se dar conta a Pragmática.**

Em suma, o ator que emerge para o discurso localizado como um ele-lá-então no suporte do enunciado e aí se mantém enquanto objeto de conhecimento, migra para o espaço abrangido pelo suporte da enunciação quando se converte num sujeito enunciador, quando fala, escreve ou pensa, referindo-se a si próprio como um eu-aqui-agora; são esses dois horizontes da realidade que o relato contextualizador funda no discurso.

O SUPORTE DO PARADIGMA TEMÁTICO E A FUNDACÃO DO CONTEÚDO ISOTÓPICO

O propósito da mensagem, sua razão de ser, é

transmitir um sentido, um saber, do enunciador para o enunciatário. É a unicidade desse sentido, convertido em **tema g'feral** de uma conversação, um discurso oral ou escrito, que caracteriza o **texto**, depois de apreendido - quer dizer, depois de desmaranhado do discurso onde ele ocorre como um sentido potencial mesclado a outros sentidos, outras isotopias virtuais, e depois de ter sido, uma vez selecionado, sobre o discurso, pelo leitor, ao longo dele tecido como um fio (um texto é literalmente um **textiun**, "aquilo que foi tecido")

O temà é, nesses termos, o fio contínuo de sentido que para se manifestar no discurso teve de assumir a forma de expressão descontínua dele, indo investir os conjugados binários (descontínuos) dos sintagmas discursivos através dos quais se realiza concertada e concretamente cada enunciado narrativo (enunciado de estado/enunciado do fazer)

Totalidade contínua, S, que para se evidenciar tem de exibir-se em descontinuidade, s1 vs s2, o conteúdo assume duas formas de existência no discurso:

- ele **aparece totalizado uma primeira vez**, como o investimento genérico de um programa narrativo principal, um **paradigma temático** ou **tema geral**, presente no relato contextualizador como o conteúdo genérico da mensagem que esse relato terá de projetar, a seguir, como um classema invariante nos dois textos contextualizados, o do relato descriptivo e o do relato interpretativo; é assim que ele surge nos **títulos** (**Crime e Castigo**, **O Crime do Padre Amaro**, resumem todo o conteúdo das obras que denominam), nos **protocolos de abertura** ("Dentro de um minuto, as notícias do dia:", abrindo o telejornal), e de fechamento ("Acabamos de apre-

sentar nossa **Parada Semanal de Sucessos**"), nas frases iniciais do discurso ("Prepare o seu coração/ pras coisas que eu vou contar:" na canção **Disparada**), ou nas **frases finais** dele (" essa cabocla matei; é a minha história, doutor", **Cabocla Teresa**); mas,

- ele **aparece n-n outras vezes, segmentado**, também, como o sentido tático que investe localmente cada enunciado que participa de outros tantos **temas parciais** que realizam descontinuadamente o mesmo **tema geral** que investe um **PN** principal (assim, o **PN/coser/** que é, por sua vez realização parcial do **tema geral** do **PN/beneficiar-se** do trabalho alheio - figuradamente, "ir ao baile" -, é realizado pelos **temas mínimos**, ou **motivos**

chegar -> pegar o pano -> pegar a agulha -^ enfiar a linha -^ começar a coser

no **Um Apólogo**, de Machado de Assis)

Como Barthes assinalava, não há nenhum elemento insignificante no discurso; mas o sentido que lhes atribuímos, ao ler, não é propriedade deles, é, antes, propriedade do conjunto em que eles se incluem, do sentido do **tema geral** que selecionamos ao principiar a leitura como investimento do programa narrativo principal e que vamos tecendo numa só direção, monoisotopicamente, como um **continuum** de significação, ao longo da descontinuidade sintagmática do contexto. É assim que a **nova informação**, característica do **aporte-predicador** de cada enunciado, vem a coerentizar-se com a velha informação contida no **suporte-sujeito**: é que, por muito "nova" que seja, ela terá de ser forçosamente parcialmente igual e par-

cialmente diferente, ao mesmo tempo, da informação contida no **tema geral**; os sentidos diferentes dos diversos enunciados compõem a mesma história porque relatam o desenvolvimento no tempo do mesmo programa narrativo, do mesmo sujeito enunciado, **ele**, naquele tempo **lá**, àquela época, **então**. Repostos, assim, aos mesmos suportes, os aportes constantes dos predicados de todos os enunciados se coerentizam internamente de modo a contextualizarem-se como partes constituintes do mesmo discurso

O PROTOCOLO DE ABERTURA E A MODALIDADE DE DISCURSO

Via de regra, um discurso se inicia por um certo protocolo de abertura, i. é, uma fórmula ritual ou frase-festa destinada a cumprir duas funções complementares:

- em **função autônoma (ou diacrônica)**, o protocolo liga o discurso que se vai ler no presente com uma classe de outros discursos já lidos no passado, permitindo-nos identificá-lo como a realização ocorencial (**token**) do mesmo discurso tipo (**type**); o protocolo de abertura funciona, então, como o **operador modal-tipológico do discurso** ("Era uma **vez**. ", é o protocolo que abre contos fantásticos, "Você ouviu a última?", introduz uma piada, "Eis as notícias de hoje:" é a abertura dos telejornais) ;
- em **função sínona (ou sincrônica)**, o protocolo serve para caracterizar as partes constituintes de um mesmo discurso, tomo, parte, capítulo (**Tomo 1, 2a Parte, Capítulo XIV**)

O TEXTO DE REFERÊNCIA COMO REALIDADE DO DISCURSO

Tomados conjuntamente no espaço do relato contexto

ffc-

tualizador, os suportes da enunciação e do enunciado, o suporte temático e o protocolo de abertura são os produtores do **texto de referência que funda a realidade "sui generis" a que se reportam todas as referências contidas em dado discurso.** É a partir da sua mútua remissividade a essa realidade intradiscursiva que se organizam os mecanismos dêiticos e anafóricos das conexões sintáxicas (= coesão) e das conexões semânticas (= coerência) do discurso

O RELATO DESCRIPTIVO, PRODUTOR DO TEXTO FIGURATIVO

Como o saber que ele exprime na forma de uma experiência do presente reconstruída por uma experiência do passado, o discurso comporta dois níveis de organização, os quais se contextualizam em todo conjunto significante, como os relatos destinados a expressar a mesma realidade, manifestando-a, um (o relato descritivo), pelo seu aspecto exterior, fenomenológico, ao modo do parecer (e/ou do não parecer), ao passo que o outro (o relato interpretativo) a manifestará pelo seu aspecto interior, imánente, ao modo do ser (e/ou do não ser)

Diz-se que o homem é um ser histórico porque aquilo que ele é, no presente, é o resultado de uma transformação daquilo mesmo que ele foi no passado. O que chamamos **história** surge, pois, na correlação das transformações ocorridas paralelamente nas duas dimensões que marcham a par em nossa vida: uma transformação na dimensão do tempo, que se converte sem cessar de um estado histórico inicial, um /antes/, num estado histórico final, um /depois/; e uma transformação paralela na dimensão dos conteúdos, que se converte de conteúdo anterior a transformar em conteúdo posterior,

já transformado Referido ao mesmo ator, o conjunto dessas transformações lhe organiza um arcabouço histórico

X

Estado Inicial	Estado Final
-----	-----
Conteúdo a Transformar	• ; Conteúdo Transformado

Transposto à condição de dispositivo semiótico, esse arcabouço histórico se estoca na competência das pessoas como o modelo desinvestido do **Programa Narrativo** (PN) O PN diz, sucintamente, que o sentido de um estado narrativo qualquer fixado como **relato pressuponente** (segmento incessantemente lido como **cena presentificada na leitura**) encontra-se na sua relação com outro segmento qualquer, anterior ou posterior, da mesma história, fixada como seu **correlato presuposto**. Assim, o sentido narrativo de um relato qualquer do discurso, aquele que nos fornece a sua significação ao modo do ser, não se encontra isoladamente nesse segmento mesmo, como supõe o texto figurativo produzido pelo relato descriptivo; encontra-se, sim, na relação que se estabelece entre o segmento que estamos a ler e outro segmento, seu correlato histórico diacrônico O sentido aparece, desse modo, quer como o conteúdo de um estado inicial a transformar, quer como o conteúdo de um estado final, transformado (assim, em Propp, se um personagem (ator) é ferido numa cena, desaparece por algum tempo, e reaparece mais tarde para ter sua identidade reconhecida a partir do ferimento antes recebido, então o sentido do "ferimento" não é "ferimento", é "marca"; este sentido foi, no caso, criado por seu efeito posterior, o /reconhecimento do ator pela marca/, mas poderia ter sido engendrado, igualmente, por um segmento anterior; assim, quan-

do, por exemplo, logo após entrar num cinema a meio da exib^ ção vemos na telao fotograma de uma moça chorando, não podemos saber, no primeiro momento, já que não vimos as cenas anteriores, o que é que significa de fato esse pranto, se **tristeza** (= a moça recebeu, na cena anterior, a notícia da morte do noivo na guerra), **alegria** (= o marido odiado e tirânico acabou de lhe comunicar que vai finalmente conceder-lhe o tão esperado divórcio), **pânico** (a moça indefesa e só, no casarão deserto, à noite, escuta os passos do assassino que a procura), **alívio** (o assassino é detido no último momento, e ela é acolhida pelo mocinho); é que temos, nesse caso, **o sentido descritivo, produtor do texto figurativo** ("a moça chora") mas nos falta o **contexto histórico de ocorrência desse sentido descritivo, contexto esse que compõe o relato interpretativo do texto figurativo; falta-nos, assim, a significação histórica, que instrui o texto narrativo.**

As conjunções interpretantes articuladas pela leitura simultânea de dois estados figurativos disjuntos, dados um /antes/, outro /depois/, na sintagmática discursiva, tomados ambos como realizações locais parcialmente iguais do mesmo **tema geral** contido no PN principal, funda **a significação narrativa** (leitura do programa figurativo sobre o **grid** do PN) e funda, igualmente, **a veridicção histórica**; a narrativa responde, assim, às duas perguntas que desde o início motiva a leitura de suas cenas, "o que é que elas dizem?", que pergunta pela **significação**, e "o que é isso que elas dizem: verdade, mentira, falsidade, segredo, mistério?", que pergunta pela veridicção

Reinterpretando as definições produzidas pelo relato figurativo como um saber ao modo do parecer, o relato

interpretativo produz o texto narrativo como um saber ao modo do ser Assim, se o texto figurativo da **Missa do Galo**, de Machado de Assis, era dado pelo PN ao modo do parecer executado por Conceição, o texto narrativo desse mesmo conto, montado sobre o PN ao modo ser define o que ela faz ao conversar com Nogueira como "tentativa de sedução"; temos, assim:

Textos Contextualizados
em **Missa do Galo**

Texto Figurativo produzido pelo relato descriptivo: PN (modo do parecer): Conceição quer conversar com Nogueira	Texto Narrativo produzido pelo relato interpretativo: PN (modo do ser): Conceição quer seduzir Nogueira
---	---

Assim, construído o texto de referência no relato contextualizador, o discurso avança por meio do relato descriptivo. Este consta, basicamente, de **predicações**, i. é, atribuições de aportes-predicado aos suporte-sujeitos do texto de referência, aportes esses que os vão definindo aos poucos e sucessivamente através de temas parciais que investem os predicados dos diferentes enunciados. Constrói-se, assim, no relato descriptivo, um sentido discursivo, necessariamente descontínuo e de valor provisório porque restrito só ao âmbito do enunciado. Baseado unicamente na aparência de um percurso figurativo - que é um programa narrativo ao modo do parecer -, o relato descriptivo compõe um texto figurativo (designável na forma de um PN ao modo do parecer; assim, o texto figurativo da **Missa do Galo** de Machado de Assis é dado

pelo PN ao modo de parecer executado por Conceição:

TFig m PN /conversar com Nogueira/ (modo do parecer)

O RELATO INTERPRETATIVO, PRODUTOR DO TEXTO NARRATIVO

O trabalho pioneiro de Propp acerca do conto popular russo teve o mérito, entre outros muitos, de demonstrar que o sentido narrativo de uma cena não se restringe à significação daquilo que ocorre no seu âmbito imediato, senão que é dado pela articulação dela, enquanto segmento -relato, com um outro segmento qualquer que dentro do mesmo discurso possa funcionar como seu **correlato histórico**.

VISUALIZAÇÃO DO CONJUNTO

A FIG.2, abaixo, nos permite visualizar quanto dissemos:

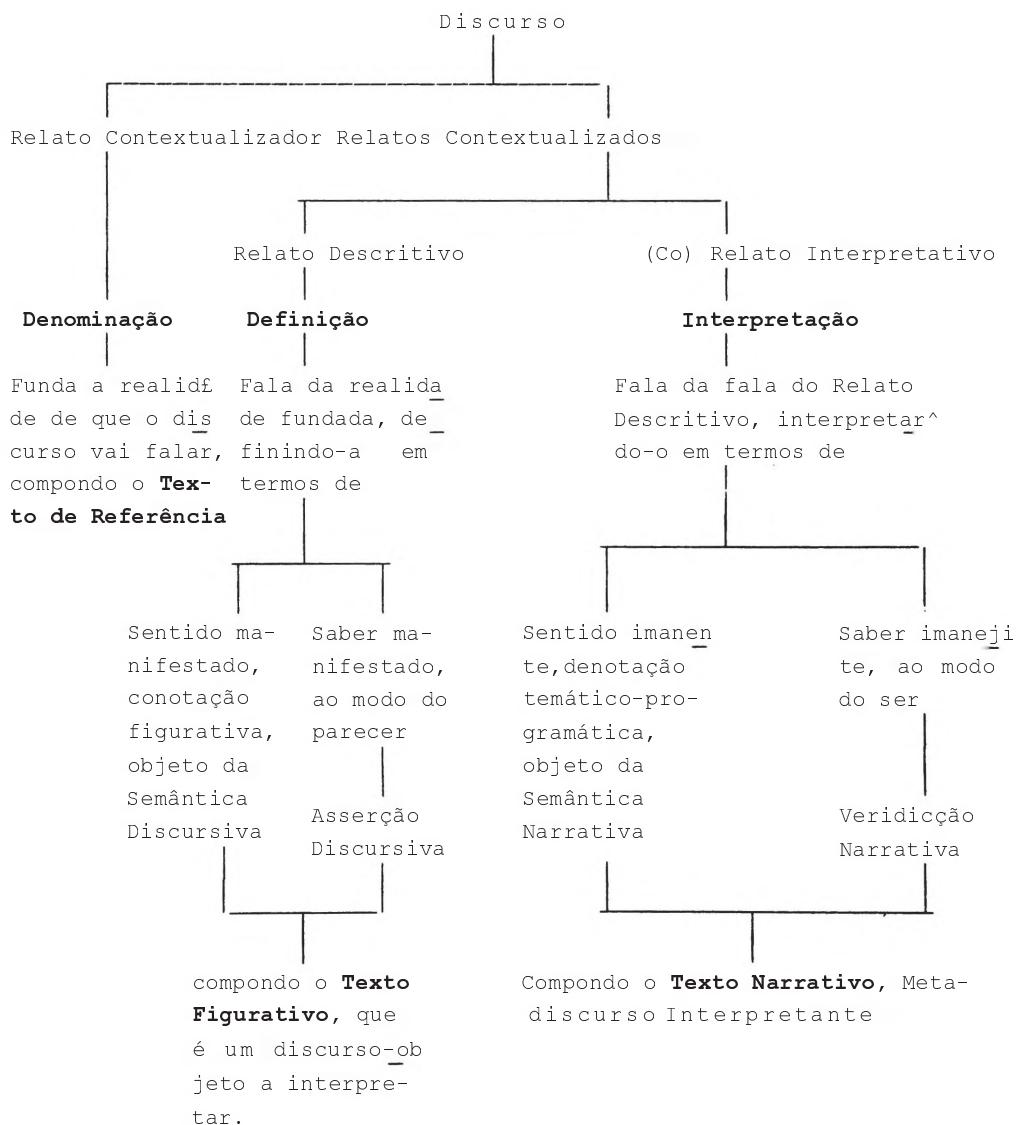


FIG 2- A articulação contextual do discurso.

APLICAÇÃO PRÁTICA: A PARÁBOLA DO 3010 (S.Mat , 13:2*0)

"Jesus lhes propôs outra parábola: O reino dos céus é semelhante a um homem que semeou boa semente no seu campo. Mas enquanto os homens dormiam, veio um inimigo dele, semeou joio no meio do trigo e retirou-se. Porém, quando a erva cresceu e deu fruto, então apareceu também o joio. Chegando os servos do dono do campo, disseram-lhe: Senhor, não semeaste boa semente no teu campo? pois de onde vem o joio? Respondeu-lhes: Homem inimigo é quem fez isso. Os servos continuaram: Queres, então, que vamos arrancá-lo? Não, respondeu ele, para que não suceda que, tirando o joio, arranqueis juntamente com ele também o trigo. Deixai crescer ambos juntos até a ceifa; e no tempo da ceifa direi aos ceifeiros: Ajuntai primeiramente o joio e atai-o em feixes para o queimar, mas recolhei o trigo no meu celeiro."

A EXPLICAÇÃO PA PARÁBOLA DO 3010 (S.Mat , 13:36)

"Então, tendo deixado as turbas, entrou Jesus em casa. Chegando-se a ele seus discípulos, disseram: Explique-nos a parábola do joio do campo. Ele respondeu: O que semeia a boa semente, é o Filho do homem; o campo é o mundo; a boa semente são os filhos do reino; o joio são os filhos do Maligno; o inimigo que o semeou, é o Diabo; a ceifa é o fim do mundo, e os ceifeiros são os anjos. Pois assim como o joio é ajuntado e queimado no fogo, assim será no fim do mundo."

Relato Contextualizador	Relato Descritivo	Relato Interpretativo
V 1- Modalidade de Discurso		
1.1- Título	"A Parábola do Ooio"	"A Explicação da Parábola"
1.2- Protocolo de Abertura....	"Desus lhes propôs outra parábola:"	"Chegando-se a ele seus discípulos, disseram: Explicanos a parábola do joio do campo. Ele respondeu:"
2- Suportes		
Da Enunciação	Do Enunciado	
EU-AQUI-AGORA	ELE-LÁ-ENTÃO	
<i>i</i>	↓	
PN/narrar/	PN/narrado/	
↓	↓	
Narrador: Desus	Sujeito ---	0 homem que semeou o trigo
Narratár: Discípulos	Anti-Sujeito	0 inimigo
Espaço: junto ao mar/dentro da casa	Objeto-valor.	Colher o trigo
	Anti-objeto.	Colher o joio e arrancar o trigo
Tempo: Indet. ("Naquele tempo" ^ "então")	Adjuvante...	Os servos/ceifeiros
	Espaço.....	0 campo
	Tempo.....	Est.Inicial: semear
		Est.Final: ceifar
TEXTO DE REFERÊNCIA		
3- PN Suporte do Paradigma Temático		
3.1- PN do narrador	Narrar a história de uma semeadura	Narrar a história da evangelização
3.2- PN do Sujeito	Semear e colher o trigo e queimar o joio	Pregar (= preparar a salvação), salvar os bons e castigar os maus.
3.3- PN do Anti-Sujeito	Semear o joio e fazer perder-se o trigo	Semear o mal e fazer perder os bons.
	TEXTO FIGURATIVO	TEXTO NARRATIVO*

Edward Lopes

Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação
UNESP- Araraquara